

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (MARÇO DE 2013)

Com base na amostra representativa da IACA (atualmente 19 empresas, devido à saída de uma associada da IACA, com algum impacto, apesar de reduzido, nos alimentos para aves, o que significa que o peso da amostra é agora de cerca de 75% da produção associada), constata-se que **em março de 2013** a produção se situou em 172 802 toneladas contra as 198 516 tons produzidas em março de 2012, o que representa uma quebra de cerca de 13% relativamente ao período homólogo do ano passado, na linha do mês anterior.

Trata-se da oitava variação negativa consecutiva, ou seja, desde agosto que a produção de um mês não é igual ou superior à do seu homólogo do ano anterior, o que constitui, naturalmente, motivo de grande preocupação para todos nós e a pecuária em geral e, conseqüentemente, para a economia nacional, como temos vindo a acentuar junto do Governo em todas as reuniões e acções públicas que temos realizado. Porque **não basta olhar e promover as exportações, há que criar condições para que o mercado interno funcione já que este é, sem margem para dúvidas, o grande mercado para as nossas empresas.** Custa muito perceber esta simples realidade?

Em março, apesar do incremento de 7% face a fevereiro (6.7% em igual período de 2012), a contração da produção de alimentos compostos ficou a dever-se a uma redução em todas as espécies, destacando-se as quebras ao nível dos alimentos para bovinos (-20.5%), suínos (-23.6%) e outros animais (-19.5%). No entanto, tal como no mês passado, temos de ter em conta que março de 2012 teve mais dois dias de fabrico (22 contra 20 em 2013), pelo que se extrapolarmos os resultados, constata-se que produção média diária das empresas da amostra foi de 9 023 tons contra 8 640 tons, o que representa uma redução de 4.2%, o que reflecte melhor a realidade do Setor. Não que seja menos preocupante porque os dados “estão lá” mas há que olhar com maior cuidado para a realidade dos números.

Apesar de tudo, estes valores não surpreendem, não só devido ao agravamento da crise que o País atravessa mas porque há um ano atrás estávamos confrontados com um período de seca extrema e assistíamos a um aumento da procura de alimentos para ruminantes (bovinos e ovinos e caprinos). Por outro lado, a situação dos suínos e do sector leiteiro era bem melhor do que a que se vive atualmente, o que permite explicar as reduções significativas e o comportamento/desempenho das empresas, sobretudo as que operam no chamado “mercado livre”. É ainda importante ter em conta, sobretudo nos alimentos para suínos, o facto de algumas empresas que não fazem parte da amostra ou não são associadas da IACA, fabricarem, em regime de “façon”, em unidades fabris que integram este núcleo de empresas que fazem parte desta nossa monitorização mensal, pelo que, tal como explicámos na análise de fevereiro, começa a suceder, com frequência, que as variações registadas têm muito mais a ver com essas “transferências” do que com o real comportamento do mercado. A análise dos dados globais do Setor (indústria associada) que enviámos com o Relatório e Contas do Exercício de 2012 confirmaram estas dúvidas e já estamos a tentar, com o apoio de alguns associados, melhorar e reforçar a representatividade da amostra.

Em conclusão, reafirmam-se alguns “cuidados” a ter em conta na análise dos elementos que, mais do que um retrato absolutamente fiel de todo o universo da Indústria, são sobretudo tendências que importam ter em conta na definição das

estratégias empresariais. Infelizmente, apesar das medidas de austeridade aplicadas aos países mais endividados e ao conjunto da zona Euro suscitarem actualmente maiores dúvidas (são cada vez mais as vozes que referem que este caminho só acrescenta recessão às dificuldades já sentidas), ainda continua a instabilidade e incerteza na União Europeia. Nota-se alguma “humildade” em alguns quadrantes políticos europeus de que este pode não ser o melhor caminho, sobretudo se olharmos para as previsões da zona do Euro (de recessão em 2013 e crescimento muito modesto em 2014, quando comparado com outras áreas na OCDE) mas deverá ser preciso, infelizmente, que a Alemanha diminua as exportações para que se invertam as tendências atuais. O eventual acordo para a reforma da PAC em junho de 2013 já são um sinal (ténue) mas as eleições para o Parlamento Europeu e a entrada de uma nova Comissão (provavelmente com Durão Barroso ou o actual Presidente do Parlamento Europeu) podem querer dizer que a Europa poderá “arrepisar” caminho. Era bom que a União Europeia, e o Governo, percebessem que faltam medidas de estímulo à actividade económica para travar as insolvências e o desemprego.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Março 2012	Março 2013	Variação (%)
AVES	84 630	83 779	-1.0
BOVINOS	46 830	37 218	-20.6
SUINOS	53 291	40 722	-23.6
OUTROS	13 765	11 083	-19.5
TOTAL	198 516	172 802	-13.0

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2011*	2012*	2013	VAR%2013/12
JANEIRO	180 964	193 948	178 276	-8.1
FEVEREIRO	172 808	185 985	161 491	-13.2
MARÇO	198 461	198 516	172 802	-13.0
ABRIL	179 066	183 558		
MAIO	195 260	194 486		
JUNHO	199 816	178 912		
JULHO	194 498	196 528		
AGOSTO	204 199	193 910		
SETEMBRO	202 364	162 648		
OUTUBRO	201 030	192 497		
NOVEMBRO	206 567	185 236		
DEZEMBRO	196 063	176 268		
TOTAL	2 331 096	2 242 492	512 569	-11.4

*Dados relativos à nova amostra representativa

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)

	Toneladas		
	JAN-MAR 2012	JAN-MAR 2013	VAR %
AVES	244 686	239 361	-2.2
BOVINOS	133 604	112 762	-15.6
SUINOS	161 384	127 128	-21.2
OUTROS	38 775	33 318	-14.1
TOTAL	578 449	512 569	-11.4

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

	1000 TON							
	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013
JANEIRO	81	80	44	40	57	48	13	12
FEVEREIRO	79	76	43	35	52	40	12	10
MARÇO	85	84	47	37	53	41	14	11
ABRIL	81		43		48		12	
MAIO	88		43		51		13	
JUNHO	84		40		45		11	
JULHO	93		45		47		12	
AGOSTO	90		45		48		11	
SETEMBRO	75		38		41		9	
OUTUBRO	85		45		51		11	
NOVEMBRO	82		43		49		11	
DEZEMBRO	81		39		46		11	
TOTAL	1004	240	515	112	588	129	140	33

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos. Para 2012, os dados da amostra foram reformulados, tendo em conta a saída de uma empresa

Neste quadro, de grande pessimismo e acrescida preocupação, foram menos de 3 (3 no mês anterior) as empresas que apresentaram, neste primeiro trimestre de 2013, produções mais elevadas que no ano anterior e que representam cerca de 20% da produção da amostra (18% em 2012). **Face aos dados de março, a produção acumulada passou de -10.6% para -11.4% mas é importante salientar que durante estes 3 meses, os dias de fabrico foram diferentes (65 dias em 2012 e 61 dias em 2013) pelo que a diminuição, extrapolando-se estes dados é de 5.6%, produzindo-se uma média de menos 500 tons/dia relativamente ao ano passado.**

Por outro lado, em termos do chamado “mercado livre”, regista-se uma redução de 19.6%, contra a quebra global de 13% já referida e um acumulado de -16.3%, diretamente ligada à diminuição da produção de alimentos compostos para ruminantes e

contrariamente à tendência do ano passado. Dentro da nossa amostra, este segmento de mercado representou, neste primeiro trimestre, 39.2% da produção, contra os 41.5% de 2012. Uma perda de cerca de 39 000 tons no período de janeiro a março.

Relativamente aos mercados pecuários, na avicultura, os preços do frango apresentam cotações entre os 0.85 e 0,90 €/kg de peso vivo e os ovos entre os 0,56 e 0,68 €/dúzia, o que representa uma tendência de quebra face ao mês passado e de manutenção relativamente à semana anterior. De qualquer modo, preços muito baixos, se tivermos em conta os custos de produção.

Nos bovinos, as expectativas já foram mais otimistas, assistindo-se agora a uma tendência de quebra, 0.02 € na Sessão da Bolsa de 24 de abril. A oferta de animais continua escassa mas a procura também não dá sinais de subida e parece começar a “arrefecer” a saída de animais vivos de Espanha para os mercados do Magrebe; os novilhos estão cotados em 4.20 €/kg carcaça e as vacas em 2.90 €/kg carcaça. No setor do leite, mantêm-se o pessimismo, com baixos preços na produção. Tivemos oportunidade de intervir numa Jornada de reflexão sobre o futuro do Setor que se realizaram em Vila do Conde, no passado dia 5 de abril, e constatámos que as tensões são enormes e crescem as preocupações perante a realidade atual e o impacto da reforma da PAC, sendo urgente definir medidas de apoio que compensem o fim das quotas leiteiras, uma realidade indesmentível como salientou o eurodeputado Capoulas Santos. Apenas Portugal, Espanha e Polónia defendem o regime e no Parlamento Europeu, as propostas do relator português foram chumbadas. Não existe qualquer margem de manobra e ainda por cima as produções estão abaixo da quota, em Portugal, cerca de 8 a 10%. Perspetivas negativas que afetam a nossa Indústria e em particular as mais ligadas ao mercado livre. Nos suínos, temos assistido a uma manutenção de preços nas últimas semanas - confirmada pela Bolsa de 25 de abril -, com níveis que não garantem a recuperação das perdas acumuladas.

Com preços de matérias-primas voláteis, as perspetivas de melhores produções nos cereais e na soja face ao ano passado, os stocks em baixa (a procura é superior à oferta), problemas logísticos em alguns países exportadores e a crónica especulação não permitem níveis que permitam uma quebra dos custos da alimentação compatível com a redução ou manutenção dos preços na produção. São cada vez mais as vozes em Bruxelas que clamam uma outra política para o Sector pecuário e a reforma da PAC é uma boa oportunidade para isso: mais e melhor intervenção, apoios à produção e medidas que atenuem a volatilidade. É urgente um melhor funcionamento da cadeia alimentar, maior regulação nas relações entre a produção, a indústria e a grande distribuição. Nos contactos que temos mantido com a APED, na sequência das ações da Plataforma “Peço Português”, existe uma maior consciência de que todos devemos estar juntos para promover o consumo de produtos nacionais mas é evidente que essa estratégia não pode passar por uma política de descontos como a que aconteceu em 1 de maio de 2012 e que, receamos, poderá repetir-se. A política do desconto em cartão ou na caixa do supermercado passou a fazer “escola”, sendo claro que é o fornecedor que suporta essas “promoções”. O Governo tem de regular rapidamente os prazos de pagamento, as vendas com prejuízo, as práticas abusivas, a PARCA não pode ser só um órgão de consulta, em que apenas a Agricultura apoia as nossas posições. Onde está, neste momento, o Ministério da Economia? Onde estão os compromissos que assumiu, em conjunto com a Agricultura, em defesa da produção nacional e do Mundo Rural? Com um consumo em quebra, sem recuperação à vista e uma tendência para uma maior crispação social, precisamos de sinais de que o Governo está do lado das empresas, da produção e do relançamento económico. Sugestões não faltam e foram ditas e ditas aos responsáveis e ao Presidente da República. Porque não atuar?